

VESTÍGIOS MODERNOS DE UMA INTERVENÇÃO DE EMERGÊNCIA NA RUA RAFAEL ANDRADE (LISBOA)

SARA BRITO Arqueóloga
REGIS BARBOSA Arqueólogo

RESUMO A intervenção efectuada na rua Rafael Andrade (Lisboa) é um exemplo dos inúmeros trabalhos feitos no âmbito da Arqueologia de emergência. Apesar do acentuado grau de destruição do registo arqueológico foi possível reconhecer um contexto de lixeira datado entre os finais do século XVII e os inícios do século XVIII.

PALAVRAS-CHAVE Arqueologia urbana, Lisboa, cerâmicas, século XVII e século XVIII

INTRODUÇÃO

A complexa dinâmica urbana possibilita que variados testemunhos do passado sejam desnudados, no entanto esta incessante dinâmica impede muitas vezes a publicação científica dos resultados obtidos. Assim, apresentam-se aqui alguns dados obtidos na intervenção arqueológica decorrida na rua Rafael de Andrade, Campo dos Mártires da Pátria, Lisboa.

Esta intervenção de emergência foi caracterizada por uma grande perturbação nos contextos arqueológicos, o que deveu-se à remoção de uma parcela substancial da potência estratigráfica do sítio. Apenas uma reduzida área do terreno não estava ao nível do substrato geológico quando os trabalhos arqueológicos se iniciaram.

Assim, a intervenção resumiu-se ao registo das paredes internas do antigo imóvel, que viria a ser destruído,

e à escavação manual das camadas ainda conservadas. No que diz respeito ao registo dos elementos arquitectónicos, realçamos a existência de um arco, construído em tijolo, que localizava-se em uma área não utilizada pelos antigos moradores. Aparentemente estaria soterrado.

Coincidentemente os contextos conservados encontravam-se por baixo do citado arco. Tais contextos foram escavados manualmente, tendo-se optado pelo método Barker-Harris. Presumia-se que as camadas com material arqueológico desaparecessem à mesma cota onde surgia o substrato geológico em áreas contíguas. Entretanto, não se verificou isto, pelo contrário vislumbrou-se uma grande estrutura negativa enchida por camadas com abundantes materiais cerâmicos e orgânicos. Portanto, revelou-se a existência de vestígios de uma lixeira de cronologia moderna.



1. Vista geral do arco e da estrutura negativa.



2. Vista superior da estrutura negativa.



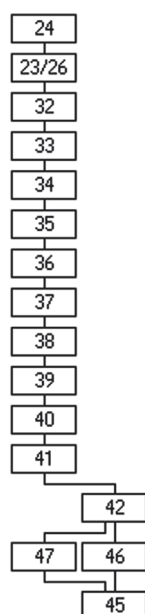
3. Vista geral.

LOCALIZAÇÃO E HISTÓRIA

O sítio intervencionado localiza-se na rua Rafael de Andrade, freguesia da Pena, Lisboa. Segundo Vieira da Silva (1943, p. 51) a citada freguesia teria sido criada entre os anos de 1564 e 1569, pouco depois da funda-

ção da igreja do Mosteiro de Santana (1561). Inicialmente a freguesia estaria situada na Igreja do Mosteiro de Santana, de religiosas terceiras de São Francisco. Somente em 1705 iria para uma Igreja própria, a de Nossa Senhora da Penha.

A partir do estudo da cartografia antiga foi possível confirmar a existência de alguns arruamentos ainda no século XVIII. São os casos da Calçada de Santana e da rua da Encarnação. A rua Rafael Andrade consta na Carta de Lisboa do início do século XX. No entanto, ao atentarmos à Carta de Filipe Folque de meados do século XIX notamos a ausência da rua em questão, apesar de existência da maioria das vias que hoje ladeiam a área intervencionada, de que são exemplos o Largo do Mitelo e a rua da Bempostinha.



4. Matriz de Harris do enchimento da lixeira.

ESTRUTURAS

No início dos trabalhos ficou patente o grau de destruição dos contextos arqueológicos, pois uma parcela substancial da área já havia sido revolvida e até mesmo removida, encontrando-se deste modo grande parte desta no substrato geológico. A remoção de terras deixou a descoberto estruturas mais antigas, as quais serviram de fundação ao edifício actualmente visível.



5. Unidade estratigráfica 34.

De entre estas destaca-se um arco por baixo da porta principal do imóvel construído em tijolo. Sob este aglomerava-se uma grande quantidade de terras, que apresentavam materiais orgânicos e cerâmicas. Estas terras constituíam o enchimento de uma profunda estrutura negativa.

As duas estruturas referidas não são coevas. Pelo contrário, denotam estar afastadas por um largo período de tempo, já que os materiais de enchimento da lixeira remontam ao último quartel do século XVII ou inícios do século XVIII e a estrutura parece estar relacionada à construção de um edifício dos inícios do século XX.

CONTEXTO ESTRATIGRÁFICO

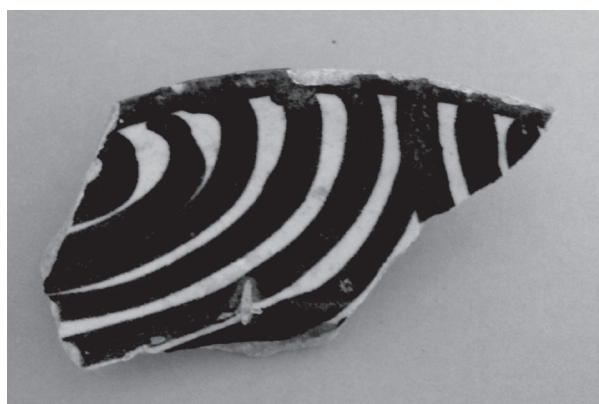
A sucessão de unidades estratigráficas mostrou-se pouco complexa, apesar da grande potência arqueológica. As camadas iniciais estavam bastante revolvidas devido a trabalhos de remoção de terras efectuados no local e anteriores à respectiva intervenção arqueológica, pelo que só foi possível analisar a estratigrafia da estrutura negativa aqui tratada desconhecendo-se se a área de lixeira se prolongaria para além desta.

A funcionalidade da estrutura negativa era clara, tratava-se de uma lixeira. Nela abundavam carvões,

faunas malacológica e mamalógica, além de materiais cerâmicos. Algumas unidades estratigráficas continham uma concentração de materiais arqueológicos bastante grande, como é o caso da unidade estratigráfica 34. Esta unidade estratigráfica caracterizava-se por ser constituída essencialmente por materiais ce-



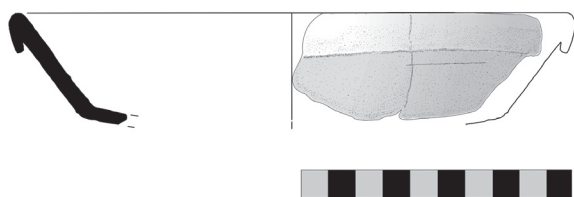
6. Haste de cachimbo em caulino.



7. Fragmento de bordo em faiança com linhas concêntricas.



8. Fragmento de bordo em faiança com tons azuis e vinoso.



9. Fragmento de bordo em cerâmica comum.



10. Fragmento de testo.

râmicos com pouco sedimento entre eles, a sua espessura variava entre os 9 e 30 cm.

Foram identificadas 16 unidades estratigráficas no interior da estrutura negativa. Realçamos que o enchimento do fosso não foi totalmente escavado dado ultrapassar a cota de afectação da obra. Em regra geral estes 16 contextos eram pouco compactos e de textura areno-argilosa ou arenosa. Os materiais existentes nas diferentes camadas não indicam uma diacronia clara, o que pode significar que sua deposição ocorreu em um curto espaço de tempo.

Apesar destes pontos em comum, notamos uma grande variabilidade no que diz respeito à espessura das unidades estratigráficas, que podiam variar entre os 3 cm e os 70 cm. Além disto, há camadas com uma relevante presença de argamassas e materiais de construção, enquanto outras revelam carvões e demais materiais orgânicos. Relativamente às cerâmicas, sua concentração também tem uma grande variabilidade de acordo com as camadas exumadas.

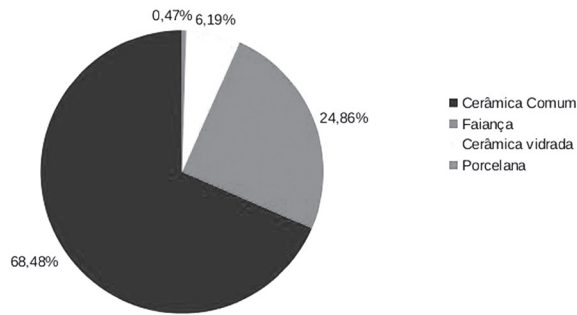
MATERIAIS

Não obstante a diminuta área escavada, foi exumada uma quantidade considerável de materiais de diversa natureza. O espólio encontrado continha abundantes fragmentos de faiança e cerâmica comum, já a cerâmica vidrada estava representada sobretudo por grandes alguidares. A porcelana era muito rara.

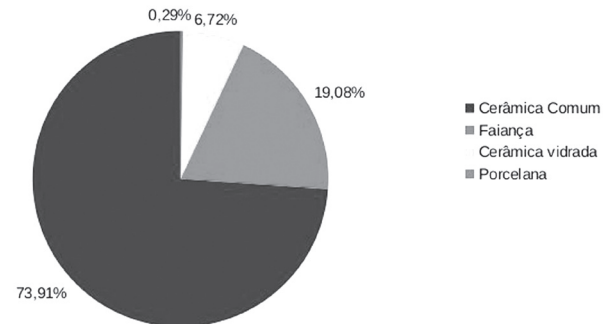
Para além da cerâmica, foram recolhidos fragmentos de sílex, alguns dos quais terão funcionado como pedrneiras, bem como fauna mamalógica e malacológica. Destaca-se ainda a presença de fragmentos de cachimbos em caulino. A cronologia apontada para este tipo de material afere o enquadramento do local nos finais do século XVII e século XVIII.

Uma vez que só surgiram hastes de cachimbo não foi possível indicar a proveniência exacta das mesmas. No entanto, uma das hastes recolhida apresenta-se decorada por linhas denticuladas e círculos impressos, pelo que se poderá apontar provavelmente para uma proveniência holandesa, pois este tipo de motivo foi muito comum neste país durante o século XVIII, ainda que também tenha sido produzido em Inglaterra e França (Pinto *et al*, 2011, p. 44).

As tipologias mais representadas na faiança são o prato e a tigela. Como amostra para a breve análise aqui apresentada utilizamos alguns fragmentos de faiança oriundos da unidade estratigráfica 44, que aliás é equivalente às unidades estratigráficas 42 e 43. A escolha recaiu neste contexto devido a sua representatividade face à totalidade do espólio exumado. Do mesmo modo, atentou-se ao facto desta unidade fazer parte



11. Distribuição total de artefactos cerâmicos.



12. Distribuição de cerâmicas do enchimento da estrutura negativa.

do enchimento da estrutura negativa.

Assim, destaca-se um fragmento de aba de prato em faiança, de cores azul e branca, e decorado com círculos concêntricos. Tal vestígio tem paralelos decorativos com fragmentos exumados em Évora (Teichener, 1998, p. 30 e 31) datadas dos séculos XVI-XVII, e com outros exumados na Casa do Infante no Porto (Barreira *et al*, 1998, p. 154) datadas do 1.º quartel do século XVII. Também encontramos paralelos com alguns fragmentos oriundos da vila de Alcoutim (Gradim, 2005, p. 180).

Na mesma unidade estratigráfica foram identificados fragmentos de faiança com decoração em rendas, que remetem pelo menos ao 3.º quartel do século XVII (Barreira *et al*, 1998, p. 154). Outra característica das faianças que indicam uma baliza cronológica é a decoração em cores azul e vinoso, que surgem no 3.º quartel do século XVII. No entanto esta inovação na cor não alterou os motivos representados, por isso os motivos são semelhantes aos existentes nas faianças de decoração somente a azul e branco.

Foi recolhida uma quantidade significativa de cerâmica vidrada. Esta apresentava frequentemente cozedura oxidante e o vidrado variava entre o verde e o melado. No que respeita à cerâmica comum as tipologias mais representadas são as panelas e púcaros, bem como alguidares de grandes dimensões. As formas referidas surgiram em todos os contextos da estrutura negativa. No que diz respeito aos números globais da intervenção, foram exumados um total de 2763 fragmentos de cerâmica. Conforme mostra o gráfico n.º 1, a maior parte destes vestígios (68,48%) diz respeito à cerâmica comum. As faianças são o segundo grupo mais numeroso, representando pouco mais de 1/3 das cerâmicas comuns (24,86%). As cerâmicas vidradas representam apenas 6,19% do total, e os fragmentos de porcelana

são residuais, totalizando 0,47%. Uma distribuição muito semelhante é verificada para os contextos de enchimento da estrutura negativa. Aliás, estes contextos representam 63% dos vestígios cerâmicos encontrados no sítio. Tal situação pode dever-se ao facto dos trabalhos arqueológicos terem se iniciado num momento em que grande parte da área já havia sido completamente revolvida.

De qualquer modo os contextos de lixeira revelaram uma ainda maior preponderância das cerâmicas comuns (73,91%). As faianças são bastante menos numerosas, detêm apenas 19,08% do total de cerâmicas. As cerâmicas vidradas são ligeiramente mais frequentes (6,72%) e a porcelana continua sendo residual (0,29%). Também foram exumados 51 fragmentos de objectos em metal, para além de abundante fauna mamacológica (168 fragmentos) e pouca fauna malacológica (7 fragmentos). Estas características corroboram para a interpretação de que a única parcela do terreno ainda conservada seria uma lixeira.

CONCLUSÃO

O contexto estratigráfico mais antigo aponta para os finais do século XVII ou inícios do século XVIII. A preponderância da cerâmica comum é clara, apesar da frequente presença das faianças. Por outro lado é notória a escassez da porcelana. Este quadro faz-nos questionar se estaríamos perante uma tendência que se repetiria em outros sítios da região de Lisboa. Somente um estudo alargado poderia responder à questão. Por fim, fica clara a necessidade de um maior trabalho de divulgação destes vestígios, mesmo quando remetam a intervenções de pequeno porte.

BIBLIOGRAFIA

BARREIRA, B. DÓRDIO P. e TEIXEIRA, R. (1998) – 200 anos de cerâmica na Casa do Infante: do séc. XVI a meados do séc. XVIII . In DIOGO, J.M. ABRAÇOS, H.C. Coord. – *Actas das 2.^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval: métodos e resultados para o seu estudo, Tondela 22 a 25 de Março de 1995*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, p. 145-184.

GRADIM, A. (2005) – Um conjunto de faianças da vila de Alcoutim. *Portugalia*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Nova série, XXVI, p. 175-205.

HERZOG, I. (2010) – *Stratify* [Em linha]. Disponível em WWW:<URL:<http://www.stratify.org>>

PINTO, M.; FILIPE, I. e MIGUEL, L. (2011) – Os cachimbos de caulino provenientes do Mercado da Ribeira: contributo para a história sócio-económica da Lisboa moderna. *Apontamentos*. Lisboa. 7, p. 41-48.

SILVA, A. V. (1943) – *As freguesias de Lisboa: estudo histórico*. Lisboa: Câmara Municipal.

TEICHNER, F. (1998) – A ocupação do centro da cidade de Évora da época romana à contemporânea. Primeiros resultados da intervenção do Instituto Arqueológico Alemão (Lisboa). In DIOGO, J.M. ABRAÇOS, H.C. Coord. – *Actas das 2.^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval: métodos e resultados para o seu estudo, Tondela 22 a 25 de Março de 1995*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, p. 17-31.